



# MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI  
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 3 | JUL-SET 2020

## MEMÓRIAS DA INFÂNCIA COMO CONTEÚDO NO ENUNCIADO-DEPOIMENTO



## CHILDHOOD MEMORIES AS CONTENT IN THE STATEMENT-TESTIMONIAL

Francisca do Nascimento Galdino Rolim  
Universidade Regional do Cariri, BRASIL

Francisco Gomes de Freitas Leite  
Universidade Regional do Cariri, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 30/05/2020 • APROVADO EM 18/06/2020

---

### Abstract

---

This article proposes an analysis of the emergence of content in the statement-testimonial, from the theoretical field of Bakhtin's Dialogic Discourse of Analysis and that of his Circle, in order to investigate how the content of the statement-testimonial is determined, dialogically, by the surrounding contextual memory. For this, from the statement-testimonial of Crato-CE's Master of Culture, Zulene Galdino, we analyze the contextual

interference in the statement, investigating, above all, the clipping of childhood memories present in the narrative that, we believe, particularize the content of the play.

---

### Resumo

---

Este artigo propõe uma análise da emergência do conteúdo no enunciado-depoimento, a partir do campo teórico da Análise Dialógica do Discurso de Bakhtin e o de seu Círculo, no intuito de investigar como o conteúdo do enunciado-depoimento é determinado, dialogicamente, pelo entorno contextual da memória. Para isso, a partir do enunciado-depoimento da Mestra de Cultura do Crato-CE, Zulene Galdino, analisamos a interferência contextual no enunciado, investigando, sobretudo, o recorte das memórias de infância presentes na narrativa que, acreditamos, particularizam o conteúdo da brincadeira.

---

### Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Statement- testimonial. Content. Memory. Bakhtin. Childhood.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enunciado-depoimento. Conteúdo. Memória. Bakhtin. Infância.

---

### Texto integral

---

O pensador russo Mikhail Bakhtin compreende a linguagem como fenômeno social. Sob tal ótica, o filósofo afirma que os diversos campos da atividade humana possuem caráter multiforme e que a linguagem, igualmente, emerge em formas plurais, corporificada pelos enunciados (orais e escritos) concretos e únicos. Segundo Bakhtin, esses enunciados:

[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2016, p. 11-12).

Conforme Medviédev, por sua vez, entender um enunciado:

[...] significa entendê-lo no contexto da sua contemporaneidade e da nossa (caso elas não coincidam). É necessário compreender o sentido no enunciado, o conteúdo do ato e a realidade histórica do ato em sua união concreta e interna. Sem tal compreensão, o próprio sentido estará morto, tornar-se-á sentido de dicionário, desnecessário. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 185).

Nesse sentido, para além do componente formal da linguagem, a Análise Dialógica do Discurso considera, também, o componente discursivo, intrinsecamente ligado ao enunciado o qual é marcado por signos ideológicos usados pelos sujeitos no processo de interação. Desse modo, como postula o Círculo de Bakhtin, o uso de tais signos em enunciados está intimamente atrelado a componentes próprios da realidade histórica e social de cada esfera da atividade humana que “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 12) definidos, pelo filósofo russo, como gêneros do discurso. Como sabemos, é através do enunciado concreto, unidade de investigação da ADD, que os sujeitos interagem mediante gêneros discursivos, os quais se moldam a especificações do campo da atividade a que se filia determinada população de falantes.

Nesse tocante, se incontáveis são as possibilidades da plurifacetada atividade humana, também os gêneros do discurso são incalculáveis, multiplicando-se e modificando-se à medida que tais campos demandam necessidades específicas de comunicação. Acerca desse processo, o pesquisador Edson Soares Martins (2019) esclarece:

Ao usar a língua e produzir um enunciado, nós sempre estamos usando um gênero discursivo e isto, repetimos, porque pertencemos a uma comunidade de falantes integrada a um campo da atividade humana. Naquele momento, naquela circunstância, naquele contexto, usamos um repertório de construções composicionais e de conteúdos semântico-objetais que, todavia, não nos privam de lidarmos com uma especificidade de nosso dizer, que varia em relação aos sujeitos que fazem parte daquela mesma atividade. (MARTINS, p. 1-2, 2019).<sup>1</sup>

As esferas da atividade humana particularizam os enunciados concretos, orientando o nosso dizer. Logo, os gêneros discursivos, segundo apregoa Bakhtin, organizam o discurso e moldam-no em forma de gênero. A depender da situação, posição social, bem como de níveis de aproximação entre os interlocutores do discurso, os gêneros sofrem mudanças entre si, o que resulta em um repertório múltiplo de gêneros.

Em relação a essa heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), Bakhtin acrescenta que os gêneros são de natureza primária e secundária: A natureza primária se dá na mediação direta da comunicação entre os interlocutores, enquanto que a secundária, distante dessa relação de imediaticidade da comunicação, surge de sistemas mais complexos como no âmbito ficcional, científico, sociopolítico dentre outros, em que tal imediaticidade entre falantes está afastada.

Lembremos que, como teoriza Bakhtin, no processo da formação dos gêneros considerados secundários, há incorporações e reelaborações de gêneros que se constituíram nas condições da comunicação discursiva imediata, isto é, os gêneros

primários. Isso significa que, ao ser incorporado pelos gêneros secundários, os gêneros do discurso de menor complexidade interacional, agora transportados para outra esfera de atividade, assumem especificidades dos gêneros aos quais se integram, obedecendo a seus fins.

Acerca das peculiaridades que constituem os gêneros, ao discorrer sobre as especificidades do enunciado, Adail Sobral e Karina Giacomelli, na esteira do teórico russo, apontam para alguns elementos que clarificam o entendimento acerca de tal conceito: a referencialidade, a expressividade e a endereçabilidade constituem, pois, cada ato enunciativo. Assim, esses autores esclarecem que há uma interdependência entre tais elementos, ao afirmarem que:

- 1) não há referência (referencialidade) sem avaliação (expressividade), nem avaliação sem referência a um objeto do mundo (concreto ou abstrato);
- 2) não há expressividade sem o locutor considerar o outro a quem se dirige (endereçabilidade), assim como o locutor não pode se dirigir a um outro de modo não expressivo;
- 3) por fim, também não há referência sem que o locutor considere o outro a quem se dirige, assim como o locutor não pode se dirigir ao outro sem se referir a um objeto do mundo. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1079-1080).

Tendo como princípio a noção bakhtiniana de gênero, tomamos como objeto de análise desta pesquisa o gênero discursivo depoimento, observado a partir do princípio basilar da obra de Bakhtin e de seu Círculo, isto é, a natureza dialógica que marca todo ato enunciativo.

O enunciado-depoimento, aqui analisado, foi colhido em entrevista realizada com a Mestra de Cultura Zulene Galdino<sup>2</sup>, considerada uma das guardiãs da cultura popular no Cariri Cearense e incentivadora das mais diversas manifestações artísticas populares, que também participa ativamente de grupos de tradições locais.

Neste estudo de natureza breve, a partir da análise do gênero discursivo depoimento, que se constitui enunciado concreto de natureza dialógica, respondendo a outros enunciados na teia discursiva, analisamos a emergência do conteúdo no enunciado-depoimento, investigando como o entorno contextual da memória particulariza o conteúdo da brincadeira (modo como, no Cariri cearense, são chamadas as formas artísticas coletivas) no enunciado-depoimento. Buscamos identificar como as condições de existência material interferem na constituição do enunciado, e determinam o conteúdo do pensamento.

### **Memórias de brincar: a constituição do conteúdo do pensamento**

O estudioso Carlos Alberto Faraco, no âmbito do debate acerca do texto **O problema do conteúdo, do material e da forma na atividade verbal**, de Bakhtin, define conteúdo. Para Faraco (2009, p.103):

O conteúdo não deve ser entendido como uma ideia, um referente, um tema, um conceito. É antes o modo como são ordenados pelo autor-criador os constituintes éticos e cognitivos recortados (isolados), transpostos para o plano estético e consumados numa nova unidade de sentidos e valores.

Tal concepção de conteúdo coaduna-se com o que o pesquisador Edson Martins diz sobre o conteúdo como objeto: “Ele corresponde, no modelo teórico e abstrato da comunicação humana, ao conteúdo do pensamento do enunciador na comunicação viva” (MARTINS, 2019, p. 3). Logo, nesse entendimento, o conteúdo equivale ao pensamento do enunciador, desde que considerado como constituinte de seu agir no mundo da vida.

Nessa perspectiva, o enunciado-depoimento, objeto de estudo desta pesquisa, configura-se gênero discursivo e, como tal, é detentor de feições que lhes são próprias. Para Bakhtin, o pensamento (conteúdo) está ligado a um estilo e a uma forma composicional, e essa relação é indissociável, como sabemos.

Dito isto, lembremos, também, que tais elementos funcionam sempre em um determinado campo da ação humana. No enunciado-depoimento, atravessado pelas especificidades do campo no qual ele se constitui, há um sujeito enunciador que, ao narrar suas experiências, encarrega-se de moldar o seu enunciado à escolha dos gêneros e dos meios de expressão. Trata-se da posição ativa do falante. A respeito dessa capacidade de escolha, Bakhtin afirma:

Porque se pode pensar que quando escolhemos as palavras para o enunciado é como se nos guiássemos pelo tom emocional próprio de uma palavra isolada: selecionamos aquelas que pelo tom correspondem à expressão do nosso enunciado e rejeitamos as outras. (BAKHTIN, 2016, p. 50).

Nesse sentido, os gêneros do discurso são responsáveis por organizar nosso discurso, semelhantemente ao que ocorre na organização das formas gramaticais. Isso significa que somos condicionados, pelos gêneros, a moldar o nosso discurso e isso justifica o fato de já conhecermos o gênero utilizado pelo outro no ato de sua emissão, o que envolve conhecer, previamente, certas especificidades do gênero em uso, que irá se diferenciar no processo da fala dessa forma “os gêneros escolhidos nos sugerem os tipos e os seus vínculos composicionais” (BAKHTIN, 2016, p. 43).

No depoimento sob análise, as memórias da narradora são revisitadas a partir do registro de marcas psíquicas gravadas em sua memória afetiva. Dela,

emerge todo um contexto particular de vivências. Há a recuperação de fatos, evocação de passagens das mais diversas naturezas que constituem e historicizam a vida do sujeito.

No depoimento da Mestra Zulene Galdino, alguns aspectos são constantemente enfatizados, como as memórias de infância e as práticas da vida em comunidade:

Essas brincadeiras que eu posso me lembrar... quando eu era criança, nós brincava de roda e hoje em dia eu não vejo nenhuma criança brincar de roda. Quando a lua é lua cheia, que a lua tá bem clara... quando é na Semana Santa, que minha mãe pedia as alviça, aí a gente tinha que brincar, que era pra não dormir, que se dormisse aí não dava certo pedir essas alviça. Também ia pedi essas alviças na Sexta-Feira da paixão, aí a gente brincava e pegava tudim e ia cantar e pegava um par dos outro, aí começava a cantar:

Meu lencinho branco, lavadeira tem  
Meu lencinho branco, lavadeira tem  
Da pontinha roxa que lhe deu meu bem  
Da pontinha roxa que me deu meu bem  
Olha a lavadeira, onde vai lavar  
Olha a lavadeira, onde vai lavar  
É na beira do rio  
É nas onda do mar  
É na beira do rio  
É nas onda do mar<sup>3</sup>

Observamos, neste fragmento, rememorações de episódios de infância, especialmente as vivenciadas na esfera do lazer. Nesse tocante, as brincadeiras de roda, prática bastante presente naquele espaço-tempo, são evidenciadas. Como sabemos, o campo da atividade humana é multiforme. O conteúdo reflete especificidades e finalidades de cada esfera da ação humana e, desse modo, o conteúdo configura-se, necessariamente, objeto multiforme.

Este depoimento, de cunho memorialístico, suscita reflexões acerca do conteúdo e da forma como ele foi pensado. Dessa maneira, entendemos que vêm, junto à ideia de conteúdo da brincadeira, memórias de outros campos da atividade humana.

Revisitemos o trecho mencionado anteriormente. Ao referenciar as memórias de brincar, há, no entorno contextual, a emergência de atividades relacionadas tanto ao manejo da educação dos filhos, como a práticas religiosas comuns daquela comunidade rural, de modo a percebermos como o cruzamento de ambas condiciona o curso das brincadeiras. Em outro trecho do enunciado-depoimento, tal interferência do campo da religiosidade é relatada:

Aí saía e a gente passava até doze horas, na hora que eles iam pedir as alviças, aí quando dava doze horas, que naquela época, não tinha relógio, não tinha relógio, aí e quando ouvia soltar os primeiros fogo que era doze horas da noite, na semana santa, aí mamãe dizia logo: todo mundo fica de joelho que vamos pedir as alviças da semana santa. Tem sim! Sabia? Aí nós tudim era de joelho, ave Maria com os olhos fechados[...]Nós crianças e mamãe e papai, tudo! e tudo de joelho, aí mamãe ensinava as alviças:  
*Alviças minha mãe Maria santíssima, ressuscitou seu bento filho quero que Deus dê de alviças, muita paz e muita saúde e muita chuva pra criar legumes pra todos nós.*<sup>4</sup>

Notamos que o conteúdo da brincadeira também tem, em sua vizinhança, além de recordações de práticas religiosas, memórias de privações de bens materiais, como observamos nos fragmentos extraídos dos relatos supracitados: “Quando a lua é lua cheia, que a lua tá bem clara”; “aí quando dava doze horas, que naquela época, não tinha relógio, não tinha relógio aí e quando ouvia soltar os primeiros fogo que era doze horas da noite”. Ao introduzir tais elementos, é reforçado, no discurso, o contexto de dificuldades vivenciado pela enunciadora, revelando uma relação subjetiva emocionalmente valorativa do sujeito da enunciação.

A ausência de recursos materiais, como por exemplo, a falta de um relógio, cria uma condição particular: a demarcação do horário somente seria possível mediante a escuta de fogos de artifícios, os quais, como é possível inferir, configuravam-se elemento essencial para a efetivação da prática religiosa. A brincadeira, por sua vez, também depende, frequentemente, da iluminação natural, já que a comunidade rural não dispõe de iluminação pública, o que demarca a carência de recursos em um nível sócio-estrutural.

Logo, em consonância com Bakhtin, entendemos que o sentido de toda palavra é determinado pelo contexto globalizante no qual se insere o sujeito e tais marcas revestem a construção psíquica e emocional do indivíduo. Daí decorre a afirmação de Bakhtin, quando diz que: “É por isso que o tom emocional-volitivo não pode ser isolado, separado do contexto único e unitário de uma consciência viva, como relacionada a um objeto particular apenas como tal” (BAKHTIN, 1993, p. 54).

Isto posto, as marcações de uma interferência material no plano da cultura, como a iluminação pública inexistente e escassez de itens necessários para a regulação dos afazeres diários, parece interferir no conteúdo do pensamento do enunciado concreto. Bakhtin traz, em seus postulados, a concepção de consciência. Nesse sentido, se existe uma escolha, temos que considerar a consciência que produz tal escolha. Por conseguinte, o enunciado-depoimento é fortemente marcado pelo que o filósofo russo denomina de entonação expressiva. Nas palavras de Bakhtin, encontramos a síntese da ideia:

Nenhum conteúdo seria realizado, nenhum pensamento seria realmente pensado se não se estabelecesse uma interconexão

essencial entre um conteúdo e seu tom emocional-volitivo, isto é, seu valor realmente afirmado para aquele que pensa. O experimentar ativo de uma experiência, o pensar ativo de um pensamento, significa não estar de modo algum indiferente a ele, significa afirmá-lo de uma maneira emocional-volitiva. (BAKHTIN, 1993, p. 51).

A partir de um mesmo campo, o pensamento (conteúdo) pode ser afetado por especificidades contextuais diversas, o que caracteriza tal conteúdo como objeto multiforme. O enunciador, sujeito que expressa um valor, narra aspectos de sua história e o faz através de seu modo de valorar os fatos. Para Bakhtin, mediante a experiência vivida (memória), todo sujeito possui um projeto de dizer que se estrutura em conformidade com os elementos que são ressaltados pelo enunciador e os que são silenciados. Conforme explica Bakhtin:

[...] para se tornar realmente atualizado e assim se fazer um participante do ser história da cognição real, o conteúdo válido-em-si de uma possível experiência vivida (um pensamento) precisa entrar em uma interconexão essencial com uma avaliação real; é apenas como um valor real que ele é experimentado (pensado) por mim, isto é, pode ser realmente, ativamente pensado (experimentado) em um tom emocional-volitivo. (BAKHTIN, 1993, p. 51).

Observemos, no fragmento anterior, mais um elemento que permeia os arredores das memórias de brincadeira:

Nós crianças e mamãe e papai, tudo, e tudo de joelho, aí mamãe ensinava as alviças: *Alviças minha mãe Maria santíssima, ressuscitou seu bento filho, quero que Deus dê de alviças, muita paz e muita saúde e muita chuva pra criar legumes pra todos nós.*<sup>5</sup>

O contexto de privações, já mencionado aqui, emerge nas preces daquelas crianças vitimizadas por carência de bens essenciais. Em outra ocorrência, notamos a prática quase como uma necessidade vital para a comunidade rural desassistida pelo poder público: rezar para que, pela providência divina, criem-se contextos favoráveis para a subsistência da família e da comunidade: *“Aí pedir pra mamãe, papai, inverno, coisa pra nós comer”*.

Assim, no campo da brincadeira, observamos os arredores do campo da fé e suas interseções com o campo da subsistência material. Vejamos os trechos seguintes, nos quais essa realidade de privações deixa-se revelar, novamente, na narrativa. Neste fragmento, a depoente narra memórias das brincadeiras de criança, quando promovia encontros com outras crianças da comunidade:

A gente tocava sentado nas cadeiras. Nessas cadeiras assim. Quando elas são novas era um som bom, menina, as cadeiras de couro. [...] É... oh... Eu sei que aprendi a tocar triângulo, eu pegava uma roda de ferro e tocava, né? (risos) Roda de ferro, eu sei que faço show tocando, por que aprendi quando era criança... Nas brincadeiras, tinha guisado, né? Tinha as bonecas nossa...<sup>6</sup>

É bastante revelador observar como, neste enunciado, os arredores do pensamento da brincadeira estão preenchidos com memórias que remetem a dificuldades materiais. No próximo fragmento, observemos a menção que é feita a um objeto culturalmente desejado por crianças: a boneca. Diante da ausência desse brinquedo, artefato idealizado e, muitas vezes, personificado pelas meninas, a alternativa que lhes restava era brincar com um *sabugo* de milho, denotando uma realidade escassa de bens materiais:

Era o sabugo de mi! Oxente, sem nada...É que ele não dizia a nós quando tava as boneca com cabelos grande não, que nós ia buscar [risos.]Aí papai dizia,... nós dizia, papai já tem boneca de mi? Nada, não tem, não! Mas [estava]chei, olha! Aí nós fazia isso, nossas bonecas era de sabugo de mi, e a gente enrolava ela, e tinha batizado [...] Pra tocar, tocar forró. Aí tinha aquele batizado, tinha aquele almoço que era aquele guisado que a gente fazia, mamãe dava as tripa de galinhas e era um aperreio tão grande pra gente lavar, pra fazer aquilo, era um samba tão grande, a tarde todinha e nós brincando de guisado.<sup>7</sup>

Ademais, nas memórias de infância identificamos a presença de outra esfera da ação humana: o trabalho, esfera visível da subsistência, assim como a fé. Vejamos o fragmento a seguir, que reflete a ambiência vivenciada pela Mestre, na esfera do trabalho:

Assim... Por que quando nós trabalhava na roça, por que de primeiro tinha muito inverno mermo, muita chuva... aí era muito legume que tinha na casa de papai, muito arroz, feijão, milho maduro... Bom demais. E nós trabalhava, não era trabalhador não: era nós, tanta mulher! Nós! Era homem e mulher, nós tudim. Aí papai plantava muito legume e mandioca, tudo. Papai passava de mês fazendo farinhada e nós trabalhando, raspando mandioca. Tu já viu como é ruim? [...] Aí, quer dizer, era fartura, né? Era fartura, porque papai não comprava nada [...] Isso aí era bom, mas era ruim trabalhar de enxada, home.<sup>8</sup>

Nesta passagem, a rememoração de práticas de trabalho traz um elemento importante: o saudosismo de um período abundante em alimentos, propiciado por questões climáticas, ou seja, decorrente de um inverno favorável às plantações e cultivo de alimentos. Disso decorrem lembranças positivas, que na escolha valorativa do sujeito, foram intensificadas por elementos textuais que introduzem a ideia de abundância: “ *muito inverno*”, “ *muita chuva*”, “ *muito legume*”, “ *muito arroz, feijão, milho*”. Em outra passagem temos, mais uma vez, a ideia de fartura sendo enunciada como um elemento, de fato, especial para aquele contexto. Vejamos:

Ave Maria, quando era o nascimento do menino Jesus era festa, era noite de festa! Então mamãe criava peru, que era fartura nessas coisas, nera? Criava peru aí fazia, é...matava esse peru, aí quando era de noite era o movimento tanto de comida, por que era o menino Jesus que ia nascer. Era noite de festa. Aí outros faziam galinha cheia, porque era noite de festa [...] Assim, tinha diversão pra eles, por causa que a gente quando jantava, assim que era noite de festa, aí comia bolo de puba...não tinha bolo fofo não, era bolo de puba e bolo de milho. Mamãe fazia isso aí e era forno de barro e outra coisa, não era botado manteiga nas bacias, não, [...] papai fazia umas bacias, as bacias de lata, essas lata aqui que botava água, aí mamãe esquentava folha de banana e botava na forma e botava a massa e empurrava dentro do forno de lenha e era muito bem assado... melhor do que esses agora, que eu nem gosto desse bolos véi de puba, nem desse bolo de fofo, não gosto... é ruim, né! Sem gosto, ressecado, né? Agora bolo de puba, eita, menino... assim, o bolo feito no forno de lenha.<sup>9</sup>

Contrariamente à satisfação oriunda do cenário de abundância apresentado, a enunciativa narra, ainda, no mesmo trecho, uma prática que, para ela, não era interessante: trabalhar na roça. Ao afirmar “ *Isso aí era bom, mas era ruim trabalhar de enxada.*”, tal enunciado só foi possível ser dito dessa forma (e não de outra), pois o indivíduo pensa a partir de contextos específicos. Em outro contexto, o mesmo sujeito relataria essas mesmas memórias de brincadeira?

As experiências são narradas ora do ponto de vista positivo, quando vêm à tona memórias de um inverno satisfatório, de uma alimentação em abundância, das brincadeiras de roda, ora surgem em perspectiva negativa, quando retratam as condições materiais precárias, o trabalho na roça, entre outros aspectos.

Consideramos a hipótese de essas particularidades resultarem, no plano do pensamento, em interferências no conteúdo. Há um conjunto de fatores que emergem na memória do enunciador que, acreditamos, particulariza o pensamento. Podemos extrair dessa condição caracterológica, a compreensão de que o indivíduo pensa de formas diferentes.

Em termos teóricos, essa problemática foi esclarecida por Bakhtin, que se expressa nos seguintes termos:

Afinal, quando um e o mesmo objeto (um e o mesmo do ponto de vista de seu conteúdo-sentido) é contemplado de diferentes pontos de um único espaço por várias pessoas diferentes, ele ocupa lugares diferentes e é apresentado diferentemente dentro do todo arquitetônico constituído pelo campo de visão dos diferentes observadores. (BAKHTIN, 1993, p. 80).

Por isso é que Bakhtin afirma que um único objeto sob “o mesmo ponto de vista do conteúdo-sentido pode assumir diferentes sentidos como um momento-evento em diferentes contextos de valor” (BAKHTIN, 1993, p. 88). Cada depoimento, nessa ótica, pode emergir através de diversificados modos, a depender do que nos aconteceu.

Embora tais relatos correspondam a experiências particulares, faz-se mister salientar a relação dialógica que é possível ser estabelecida nesse processo. Ao narrar uma experiência, recuperam-se histórias semelhantes, reconstroem-se trajetórias de vida ao evocar memórias de um determinado tempo-espaço. Assim, reconheço-me através da experiência do outro.

Tal configuração remete ao caráter social do enunciado, conforme defende Bakhtin, não obstante, ele também atribuir a esse elemento um caráter único e irrepetível. Tal escopo conceitual nos leva a considerar, na esteira do pensador russo, o enunciado concreto como uma resposta a outros enunciados, “sejam enunciados já ditos ou não ditos, mas possíveis como resposta/réplica” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1088).

No interior de um mesmo enunciado, é possível notar manifestações valorativas diferentes. A palavra é a mesma, mas o sentido que se produz em cada fala é completamente distinto. É nesse âmbito que podemos compreender a noção de índices de valor atribuídos a cada realidade. Bakhtin reforça, então, que:

O tom emocional-volitivo e uma avaliação real de modo algum se relacionam com o conteúdo tomado isoladamente, mas sim em sua correlação comigo dentro do evento único do Ser nos abrangendo. Uma afirmação emocional-volitiva adquire seu tom não no contexto da cultura; a cultura inteira como um todo está integrada no contexto de vida unitário e único do qual eu participo. Tanto a cultura como um todo quanto cada pensamento particular, cada produto particular de um ato ou ação viva, estão integrados no contexto único, individual do pensamento real como evento. (BAKHTIN, 1993, p. 53).

Desse modo, quando um enunciador fala, atua responsivamente no mundo. Por isso podemos afirmar que o enunciado-depoimento não é constituído de palavras neutras, mas de um ato responsivo do sujeito que fala. Lembremos que o objeto (conteúdo) e objetivo (sentido) determinam a maneira como selecionamos

os meios linguísticos e o gênero discursivo do qual faremos uso na comunicação humana. A necessidade fulcral de o objeto estabelecer relação de construção de sentido é clarificada por Edson Martins:

É, portanto, o conteúdo de um dado enunciado que lhe confere um sentido concreto diferente daquele da palavra isolada, já que esta não é objeto de uma relação subjetiva emocionalmente valorativa, não é objeto de uma entonação expressiva. Só quando ela é mobilizada dentro da comunicação humana, em um enunciado concreto, ela passa a ser objeto e, portanto, a buscar um objetivo e será assim que ela se constrói como uma expressão de conteúdo semântico-objetal. (MARTINS, 2019, p. 4).

Nesse contexto, o tom valorativo, ou entonação valorativa, exerce papel imprescindível no ato enunciativo. É essa entonação que organiza o todo arquitetônico que, por sua vez, estabelece o ponto de articulação entre as avaliações axiológicas (valores éticos, estéticos, morais) que se relacionam com o objeto histórico, social e ideologicamente situado, produzindo sentido. Há traços dialógicos e axiológicos que atravessam todas as atividades da linguagem. Acreditamos que, no gênero discursivo estudado, essas características estão presentes.

Estas ocorrências apontam para o fato de o enunciado, conforme defende o Círculo de Bakhtin, não estar alheio às circunstâncias espaço-temporais nem nascer sem antes ter sido afetado por relações de alteridade. Em todas essas novas manifestações, são percebidas vozes que se inter cruzam para constituir sentido.

Sob esse viés, a apreensão do mundo situa-se, sempre, historicamente, pois o sujeito, em constante interação com o outro, constitui-se discursivamente, apreendendo e reverberando as vozes sociais do contexto no qual está inserido.

Sobre esse fluxo interacional, o pesquisador Francisco de Freitas Leite reforça:

Interação existe entre sujeitos presentes em uma enunciação circunstancial e também entre sujeitos que estão distantes no tempo e no espaço, mas que dialogam através de enunciados (orais ou escritos) que possuam, de algum modo, uma convergência de sentido (por exemplo, na forma de uma citação ou de uma compreensão responsiva). (LEITE, 2014, p. 27).

Daí decorre a necessidade de exercitarmos o olhar arquitetônico preconizado por Bakhtin, que compreende a organização do sentido no todo de um enunciado efetivamente produzido, efetivado mediante ato responsivo único e irrepetível, sempre na dinâmica da interação com outrem, em um contexto marcado ideologicamente. Lembremos que tal interação envolve:

[...] não só a situação imediata como as situações mediadas, o histórico de interações dos interlocutores e as formas de interagir na sociedade ao longo da história. A interação refere-se, portanto, a todas as situações em que pessoas se dirigem a outras, mesmo à distância. Quando isso acontece, as pessoas se baseiam em todas as situações de interação que viveram, e elas tentam imaginar as reações dos outros e se antecipar a isso. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1083).

Tal perspectiva dialógica coaduna-se com a feição do enunciado-depoimento por constituir-se na dinâmica dos intercruzamentos entre os enunciados que o precederam.

### **Considerações finais**

Ao adotarmos a perspectiva de análise a partir da Análise Dialógica do Discurso, aspectos relacionados ao contexto socio-histórico terão primazia sobre aspectos puramente linguísticos. Conforme o ponto de vista do Círculo de Bakhtin, este processo “é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 133).

Desse modo, a análise de um gênero do discurso observará imprescindivelmente a situação enunciativa no todo, levando em consideração, especialmente, a escolha do sujeito enunciador, sua entonação expressiva, sobre todos os elementos que estão na teia da enunciação. Importante ressaltar que “o enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetal e por seu elemento expressivo, isto é, pela relação valorativa do falante com o elemento semântico-objetal do enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 296).

Para Bakhtin e o seu Círculo, as palavras são atravessadas dialógica e ideologicamente, isto é, estão sempre ocupadas pelas vozes dos outros. Lembremos a passagem de Bakhtin que resume tal raciocínio:

Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra, ele a recebe da voz de outro e repleta de voz de outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidacões de outros. O próprio pensamento dele já encontra a palavra povoada. Por isso, a orientação da palavra

entre palavras, as diferentes sensações da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente os problemas mais candentes do estudo metalinguístico de toda palavra, inclusive da palavra artisticamente empregada. (BAKHTIN, 2010, p. 232).

Nessa perspectiva, “cada enunciado é marcado pela alternância dos sujeitos do discurso e reflete imediatamente a realidade (situação) extra-verbal. Esse enunciado suscita resposta” (BAKHTIN, 2016, p. 45). Acerca dessa orientação metodológica, compreendemos que tais enunciados são moldados pela natureza das relações de interação entre os interlocutores inseridos em determinada esfera de atividade humana.

Segundo Medviédev, a obra “está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para os acontecimentos, problemas, e assim por diante” (MEDVIÉDEV 33, 2012, p. 195).

Neste breve estudo, analisamos o depoimento, gênero discursivo marcado por especificidades e finalidades próprias, com o objetivo de investigar a emergência do conteúdo no enunciado. A reflexão em torno do conteúdo nos faz pensar que, inseridos em esferas da atividade humana, o conteúdo de um enunciado estará preenchido com realidades diversas, mesmo tratando-se de um mesmo objeto. Sobre essa noção, explicou Bakhtin em uma análise do poema *Razluka* (Separação), de Puchkin, em que trata dos planos de valores do herói lírico e da heroína (sua amada que da Rússia volta para a Itália):

Um único e mesmo objeto (Itália) – único e mesmo do ponto de vista do conteúdo-sentido – é diferente como um momento-evento em diferentes contextos de valor: para ela é uma terra natal, para ele uma terra estrangeira; o fato de sua ida é para ela um retorno, enquanto para ele é uma partida, etc. A única e mesma (auto-idêntica) Itália. (BAKHTIN, 1993, p. 88).

Neste breve estudo, tentamos mostrar que o conteúdo da brincadeira evidenciado no depoimento, não pode ser o mesmo conteúdo se considerarmos outro contexto, com outros interlocutores. O conteúdo da brincadeira no enunciado-depoimento, objeto desta análise, é constituído por condições contextuais próprias, daquela enunciativa, daquele contexto enunciativo específico, de uma memória própria de um sujeito ideologicamente atravessado por outras vozes. Assim, sustentamos que:

Os enunciados e seus sentidos só existem em contextos reais e concretos de produção, circulação e recepção, de modo que para serem analisados dialogicamente requerem uma visada sobre a história, a sociedade, a ideologia e a cultura e os sujeitos envolvidos na enunciação. (LEITE, 2014, p. 51.).

Logo, foi-nos possível identificar que o conteúdo da brincadeira, investigado nesta análise, é afetado pelo recorte das memórias de infância presentes na narrativa que, a nosso ver, particularizam-no.

## Notas

1 Texto produzido pelo professor Dr. Edson Soares Martins, no âmbito da disciplina **Metodologia da Pesquisa em Linguística e Literatura** (Mestrado em Letras – PPGL/URCA) e intitulado **Os gêneros do discurso e sua contribuição à escrita acadêmica**, em Crato, agosto de 2019.

2 Texto produzido pelo professor Dr. Edson Soares Martins, no âmbito da disciplina Metodologia da Pesquisa em Linguística e Literatura (Mestrado em Letras – PPGL/URCA) e intitulado **Os gêneros do discurso e sua contribuição à escrita acadêmica**, em Crato, agosto de 2019.

3 Relato colhido em entrevista realizada com a Mestra Zulene Galdino, no museu Casa da Mestra Zulene Galdino. Gravação realizada em 12 dez. 2019, em Crato, Ceará.

4 Id., 2019.

5 Id., 2019.

6 Id., 2019.

7 Id., 2019.

8 Id., 2019.

9 Id., 2019.

---

## Referências

---

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Austin: University of Texa Press, 1993.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

COSTA, Isabel. Guardiã da tradição. **Jornal O Povo**, Ceará, n. 311 p. 2, 10 out. 2017. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2017/10/guardia-da-tradicao.html>. Acesso em: 11 jan. 2020.

FARACO, Carlos Alberto. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 95-111.

LEITE, F. de F. **Inscrições em latim sob uma abordagem dialógica: um estudo no contexto do Cariri cearense**. 2014. 210 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

MARTINS, Edson. **Os gêneros do discurso e sua contribuição à escrita acadêmica**. Crato, 27 ago. de 2019. (Notas de aula).

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso –ADD. **Domínio de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 10, n. 3., p. 1076-1094, jul./set. 2016.

---

#### Para citar este artigo

---

ROLIM, F. do N. G.; LEITE, F. G. de.F. Memórias da infância como conteúdo no enunciado-depoimento. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 3., 2020, p. 304-320.

---

#### Os Autores

---

FRANCISCA DO NASCIMENTO GALDINO ROLIM possui graduação em Letras com habilitação em inglês/português e suas respectivas literaturas (2009) e especialização em Ensino de Língua Inglesa, ambas pela Universidade Regional do Cariri (2009). Mestranda em Letras (2019) pela Universidade Regional do Cariri, integra o Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária - NETLLI, atuando, principalmente, no tema análise dialógica do discurso

FRANCISCO GOMES DE FREITAS LEITE é doutor em Linguística (PROLING/UFPB – 2014), mestre em Linguística (PROLING/UFPB – 2009), especialista em Ensino de Língua Portuguesa (URCA – 1999) e graduado em Letras (URCA – 1998). Concluiu estágio pós-doutoral junto ao PPGL–UFC (2015) na linha de pesquisa de Linguística Aplicada.